

# UM ESTUDO LINGÜÍSTICO NA EJA: BREVES OBSERVAÇÕES

Cristiana Barcelos da Silva (UENF)

[cristianabarcelos@yahoo.com.br](mailto:cristianabarcelos@yahoo.com.br)

Gerson Tavares do Carmo (UENF)

[gtavares33@yahoo.com.br](mailto:gtavares33@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

O presente trabalho teve por objetivo analisar a partícula discursiva “*ah*” e classificar, do ponto de vista lexical, o tipo de função pragmático-discursiva desse elemento inserido no *corpus* “A Língua Falada na Região Norte Noroeste Fluminense” (LUQUETTI, 2014) sob a perspectiva da discursivização da língua. Neste, observou-se o seu uso nas falas orais de discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

De maneira sistemática, a elaboração deste artigo foi organizada em fases: a *priori*, buscamos estudar os marcadores discursivos do ponto de vista histórico, identificando os autores que realizaram os primeiros estudos a respeito dessa temática. Num segundo momento, nos propomos a realizar a tarefa de estudar o processo de discursivização com o objetivo de compreender de que maneira algumas partículas linguísticas passam a desempenhar funções diversas na língua falada, analisando que tipos de funções podem ser essas e como elas podem, portanto, serem categorizadas. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa. A etapa seguinte foi subdividida em três: na primeira, analisamos as ocorrências do termo “*ah*” nos discursos orais, na segunda, tabulamos numericamente os dados e por fim, apresentamos algumas considerações.

## 2. Um pouco da historicidade dos marcadores discursivos

A sociolinguística, surgiu enquanto ciência nos Estados Unidos da América. Seu nascimento, data dos anos 60, impulsionada pelas pesquisas do estudioso Willian Labov. Seu foco de estudos era a variação linguística (BAGNO, 2007).

Em uma obra publicada em 1972, denominada *Sociolinguist Patterns* (*Padrões Sociolinguísticos*), ele marcou o nascimento oficial da

área. Objetivou desvendar os enigmas das mudanças linguísticas, pausando-se na lógica de que a língua muda, por que não há línguas e sim falantes vivendo em sociedades complexas, hierarquizadas, heterogêneas e que a transformam (LABOV, 2008).

Nesse sentido, a Sociolinguística encontrou campos férteis a partir da década de 1970 no Brasil. Foi compreendida como ciência, cujo propósito era desvendar os enigmas das mudanças linguísticas a partir dos falantes (BAGNO, 2007).

Desse modo, trabalhos relacionados aos marcadores discursivos, surgem na literatura no século XX, sobretudo, voltados para a percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala e nos seus aspectos discursivos. Observou-se, nos estudos linguísticos contemporâneos, um esforço em ultrapassar o limite das estruturas gramaticais da oração para a abertura de um novo olhar em relação à língua (VEZ, 2000).

Autores argumentaram que uma das maneiras de fazer com que um texto tenha sentido seria por meio de elementos que funcionassem como conectores entre palavra, frase, oração e parágrafo (ALMEIDA & MARINHO, 2003).

Quanto à estrutura e conceituação desses elementos, um dos problemas que mais preocupou gramáticos, filósofos e pragmaticistas foi encontrar uma maneira de descrever o valor desses elementos. Devido à diversidade de questões teórico-metodológicas, foi possível encontrar termos como marcadores de relação textual, operadores discursivos, enlances extraoracionais, conectores discursivos, conectores pragmáticos, partículas pragmáticas e partículas discursivas. Conceitos que, mesmo diversos, referir-se-iam aos mesmos elementos (ESCANDELL, 2006).

No século XX, trabalhos identificaram alguns elementos linguísticos que não se ajustavam às classes gramaticais. Como resultado dessa busca por explicá-los, o estudioso Gili Gaya, no final desse período, iniciou os primeiros estudos a respeito desses elementos, nomeando-os de *enlaces extraoracionais*. Relevante ressaltar, que algumas das propriedades apontadas em relação a eles, era o fato de possuírem registros diferentes e apoiarem a comunicação na fala (*Ibid.*).

Assim, a expressão *marcadores do discurso* (ou *marcadores discursivos*), como compreendemos na contemporaneidade, somente foi comentado pela primeira vez, por Willian Labov e David Fanshel. Em se

tratando de pesquisa e aprofundamento teórico-metodológico, encontramos na literatura a pesquisadora Deborah Schiffrin, como a pioneira na temática. Publicou em 1987 uma obra denominada *Discourse Markers*, momento em que os considerou elementos que marcavam unidades sequencialmente dependentes do discurso e não cabiam facilmente em uma só classe linguística (ALMEIDA; MARINHO, 2003).

José Portolés (1998) esclareceu que tais elementos não possuíam função determinada. Desempenhavam papéis indefinidos no discurso e que, portanto, relevantes para o estudo da língua, tanto que os conceituou da seguinte maneira:

Os “marcadores do discurso” são unidades linguísticas invariáveis, não exercem função sintática no marco da predicação oracional e possuem uma incumbência coincidente no discurso: o de guiar, de acordo com suas diferentes propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam na comunicação (PORTOLÉS, 1998, p. 23-24).

O autor supracitado utilizou a expressão marcadores discursivos, referindo-se aos estruturadores da informação (PORTOLÉS, 1998).

A estudiosa suíça Rossari preferiu denominar conector, e posteriormente, conectores pragmáticos, as unidades discursivas que tinham por função, estabelecer uma relação entre unidades linguísticas ou contextuais. Do ponto de vista conceitual, considerou-se que as relações podiam ser definidas em termos lógicos e temporais que subsistiam entre os acontecimentos evocados (ALMEIDA; MARINHO, 2003).

Em resumo, os marcadores textuais seriam “[...] expressões linguísticas que, ao poder atuar tanto na estrutura oracional como fora dela, ou seja, no âmbito textual, desempenham importante função na articulação do discurso” (MARINHO, 2005, p. 14).

### ***3. Análise dos processos de variação da língua: gramaticalização e discursivização***

Do ponto de vista da linguística, a pragmática foi reconhecida como a ciência do uso. Considerou o usuário e o contexto de suas interações verbais. Seu objeto de pesquisa, portanto, referiu-se ao estudo da língua e a dinâmica de sua utilização por seus interlocutores. Nesta perspectiva, sinalizou-se para os dêiticos enquanto elementos que indicavam o lugar ou tempo em que a fala

seria produzida, podendo somente “[...] ser entendido dentro de uma dada situação de comunicação” (FIORIN, 2005, p. 162).

Assim, observando a ocorrência de certos elementos que tendiam a desempenhar funções diferentes na língua que Almeida e Marinho (2003) conceituaram os marcadores discursivos como

[...] aqueles signos que não contribuem diretamente para o significado conceitual dos enunciados, mas que os orientam e ordenam as inferências que se obtêm a partir deles. Ou seja, o significado dos marcadores contribui para o processamento do que se comunica e não para a representação da realidade comunicativa (p. 177-178).

Levando em consideração a ocorrência de elementos que tendiam a exercer díspares funções em relação à língua, puderam-se verificar dois processos de variação linguística. Um chamado de gramaticalização, que ocorre quando um elemento desempenha função de organizar o texto. Nesse caso, o elemento em questão, em situações de uso, tornaria sua ocorrência simétrica e constante, deixando de aparecer de forma aleatória (MARTELOTTA, 2006).

Gramaticalização é um termo que tem sido usado com vários sentidos. Interessa-nos sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática (p. 24).

O outro processo de variação da língua seria o de discursivização da língua. Nele, o elemento não teria relação direta com as normas gramaticais, mas com o discurso. Esse processo, designado para explicar o fenômeno de perda de determinada função gramatical, abarcaria em sua concepção, um campo de atuação mais complexo que o da Gramaticalização, uma vez que, poderia apontar para o discurso, ou seja, para especificidades nas relações entre falantes, ou entre esses e seu discurso, sem haver vinculação com a gramática. Observemos sua conceituação (*Ibid.*):

Adotamos, então, o termo *discursivização* para designar esse outro processo de mudança, que leva o elemento linguístico a perder suas restrições gramaticais, sobretudo de ordenação vocabular, e assumir restrições de caráter pragmático e interativo. A discursivização, portanto, deve ser vista como um processo distinto da gramaticalização, pois abrange elementos que funcionam em um campo de atuação mais vasto do que o da gramática, marcando relações entre os participantes ou entre os participantes e seu discurso, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática (p. 32).

O processo de discursivização, foco neste trabalho, por sua vez, levaria a unidade linguística a adquirir a função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção oral quando a sua linearidade for, momentaneamente, perdida ou utilizada para preencher os vazios ou interrupções na fala. A partir de algumas análises, pudemos perceber que no quadro da linguística funcional, a discursivização foi um fenômeno associado ao processo de regularização do uso da língua. Devido ao seu viés de marcador na produção da fala, também se relacionou sua importância ao fenômeno sociolinguístico de variação da língua (CASTELANO et al., 2012).

Dessa forma, a trajetória do processo de discursivização foi marcada por uma passagem do léxico para o discurso via gramática, ou seja, um elemento, inicialmente lexical, passando a ser usado com função gramatical e, em seguida, assumindo função de marcador (MARTELOTTA, 1996).

#### **4. Metodologia: o caminho**

Pautando-se na ideia de que vários elementos da língua são marcadores discursivos e compreendendo, por vezes, que não possuem função gramatical rígida, optou-se por analisar o uso da partícula “*ah*” como item lexical utilizado com certa frequência no uso social da língua (MARTELOTTA, 1996).

Utilizou-se, neste trabalho, como referência para análise, o *corpus* “A Língua Falada na Região Norte Noroeste Fluminense” constituído por entrevistas orais e escritas. Foram analisadas algumas entrevistas na modalidade oral com todos os cinco tipos de narrativas: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião, relato de procedimento e descrição de lugar (LUQUETTI, 2014).

Para uma análise qualitativa e quantitativa dos dados, observamos 29 ocorrências do elemento “*ah*” nas narrativas orais, com as seguintes distribuições: 6 ocorrências dos 5 depoimentos dos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e 24 casos nas declarações dos 21 alunos do PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Educação de Jovens e Adultos)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Um programa para jovens e adultos que oferece formação profissionalizante. Considerado neste trabalho, parte constituinte do grupo de indivíduos denominado EJA.

Assim, a partir da coleta e análise de dados em torno do elemento “ah” nos discursos orais, foi que procurou-se observar a relação entre a função pragmático-discursiva referente à distribuição das ocorrências do elemento em questão.

Utilizamos como fundamentação teórica, os estudos teóricos de Martelotta (2004; 1996), Almeida e Marinho (2012) e Marinho (2003) como principais referências neste trabalho para evidenciar o uso do marcador discursivo “ah”. Objetivou-se demonstrar sinais de discursivização e as funções desempenhadas pelo elemento nas circunstâncias de comunicações orais.

O recorte da comunidade de fala que constituiu a amostra estratificada do trabalho foi composto por discursos orais de discentes. Eles residiam em cidades localizadas no interior do estado do Rio de Janeiro, e tinham em comum, para além do local de suas residências, o fato de frequentarem, enquanto alunos, escolas de EJA.

Esperamos com esse trabalho contribuir, com a produção de conhecimento nessa área, uma vez que

[...] toda língua apresenta áreas que estão em fluxo, o que faz com que surjam novas variações, decorrentes do aspecto criativo do discurso. Por outro lado, a comunicação pressiona a língua em direção a uma maior regularidade e iconicidade. A competição dessas duas forças faz com que as gramáticas das línguas nunca sejam estáticas (MARTELOTTA, 1996, p. 26).

Acreditando na vivacidade da língua e na necessidade de compreender alguns dos aspectos que explicam os dessemelhantes usos característicos da oralidade, foi que nos comprometemos com o rigor da realização deste trabalho.

## **5. Classificação dos tipos de funções: uma análise lexical**

Como sinalizado na parte do trabalho que tratou da historicidade dos marcadores discursivos, constatamos que o termo *ah* analisado no presente trabalho, se enquadrou nas características específicas dos elementos apontados por Gili Gaya, primeiro estudioso a tratar de elementos que não se ajustavam as classes gramaticais, dos quais chamou de *enlaces extraoracionais*. O termo *ah*, assim como os enlaces, possui registro diferente e apoia a comunicação oral (ESCANDELL, 2006).

## 5.1. O elemento “ah” e a função catafórica

Quanto ao valor dos marcadores discursivos admitiu-se haver duas trajetórias distintas que geraram diferentes usos de uma partícula. A primeira, capaz de levar o elemento a assumir funções anafóricas e a segunda catafórica. Estas, gerando valores temporais e inferíveis (MARTELOTTA, 1996).

A função catafórica referia-se às vezes que um determinado elemento se reportava a um item que ainda não havia surgido no discurso, tratando-se, portanto, de uma indução ao novo (*Ibid.*).

As transcrições abaixo apresentaram exemplos de utilização da expressão “ah” com o papel de introduzir uma nova fase no discurso:

### Exemplo 1

E: João Batista... conta pra mim alguma coisa que você escreveu e que te marcou...

I: *ah*:: o que me marcou é:: as passagens da igreja que diz... que nós devemos amar ao próximo como a nós mesmo... entendeu... e isso me marca muito... (Narrativa de experiências pessoal, João, 46 anos, Projeja-Ensino Médio, p. 201).

### Exemplo 2

E: conte pra mim então alguma coisa que você escreveu e que te marcou... um fato:: acontecido... engraçado... constrangedor... que marcou você muito nessa trajetória da escrita...

I: eu fiz formação de professor durante quatro anos... [*ah é...*] e:: nessa formação de professor...cada estágio que a turma:: [uhn... uhn...] é:: fazia na escola... a professora pedia um relatório no final de cada:: de cada aula... um relatório escrita à mão... de caneta azul... e foi isso... durante esses quatro anos... todo final de aula... a gente relatava aquilo que aplicava na sala de aula junto com os alunos... (Narrativa de Experiências Pessoal, Renata, 22 anos, Projeja-Ensino Médio Incompleto, p. 209).

Na análise dos relatos, pôde-se perceber que após a utilização do dêitico “ah”, os alunos do PROEJA inseriram uma inédita informação no decorrer do discurso. Analisando as falas orais, percebemos a ocorrência desse elemento em narrativas de experiência pessoal, momento no qual os falantes foram induzidos a explorarem o campo de suas experiências e eventos cotidianos, registrados na lembrança. Tratou-se, portanto, da utilização na comunicação oral, de um elemento coesivo catafórico, uma vez que seu uso transformou-se em um recurso que apontava para a

emergência de um novo nível discursivo. Este uso correspondeu ao início de um processo de discursivização da língua, conforme reforçou os trechos abaixo:

### Exemplo 3

E: Nivaldo... conte pra mim alguma coisa que você escreveu e que te marcou...

I: *ah*:: uma alteração de uma receita que eu fiz... até brincando a:: a vaca atolada... eu botei o nome da receita de:: bezerra atolada... que a carne não continha osso... eu fiz com a picanha... ((risos)) (Narrativa de experiências pessoal, Nivaldo, 36 anos, Projeja-Ensino Médio Incompleto , p.209).

### Exemplo 4

E: me ensina a fazer alguma coisa que você saiba fazer superbem...

I: *ah*... o que eu sei fazer bem é pipa...

E: uhn...

I: ou seja... primeiro você pega o bambu... corta o bambu... deixa ele fino... bem fino... seja... três bambu... um grande... no meio e dois... assim... no caso... na::... horizontal... aí você pega a linha... passa a linha primeiro no meio... na vareta... ela tá na vertical... no caso... você amarra as outras duas na horizontal... aí você pega a linha... passa a linha em volta dela todinha... corta o papel de seda... igual... do mesmo tamanho... assim::... no caso... e bota/cola... entendeu?... (Relato de Experiência, Edivaldo, 17 anos, EJA-Ensino Fundamental, p. 219).

Nos trechos supracitados, quando os tipos de narrativas foram as de experiência pessoal e os relatos de experiências, os sujeitos da EJA e do PROEJA, após utilizarem o elemento “*ah*”, fixaram uma nova ideia e/ou explicação ao longo do processo de comunicação.

Ainda quanto à ocorrência do marcador na categoria dêitico catafórico, verificamos os seguintes dados a partir da análise do *corpus* (Tabela 1):

Tabela 1 - Marcador como Dêitico Catafórico

	Nº de informantes	Nº de casos	Nº de ocorrências	Percentual
PROEJA	21	24	17	71%
EJA	6	5	3	60%

Alguns quadros foram organizados com o intuito de demonstrar a ocorrência do termo, uma vez que se fundamentando no estudo da sociolinguística quantitativa, acredita-se que variantes podem ser demonstráveis a partir de números e dados estatísticos (LABOV, 2008, p. 10).



A esse respeito, o Quadro 1 demonstrou que um expressivo número de alunos do PROEJA apropriou-se do dêitico catafórico “*ah*”, sendo também marcante o número de ocorrências na EJA.

Talvez fosse possível considerar que houve uma considerável tendência das modalidades de educação examinada, EJA, na região Norte Noroeste Fluminense, levando em conta o número de ocorrências do elemento discursivo “*ah*” em termos quantitativos.

## 5.2. O elemento “*ah*” e a função anafórica

Como dêitico, um elemento poderia também, assumir um valor anafórico, ao fazer referência a um item previamente explicitado no discurso. Os relatos de alunos da EJA e PROEJA do Norte Noroeste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro imprimiram alguns exemplos desse uso:

### Exemplo 5

E: descreve pra mim então a frente da sua escola... Ruan...

I: bom... depende né... porque... tipo... tá falando o quê... que não tem estacionamento bom... iluminação...

E: como que você acha que é a frente da escola?

I: *ah*:: devia ter mais um pouco de iluminação né... [ahn... ahn...] ser asfaltada... [uhn... uhn...] tem muito buraco aí né...

(Narrativa de Experiências Pessoal, Ruan, 21anos, Proeja-Ensino Médio Incompleto, p.204).

### Exemplo 6

E: não eu não sou daqui...

I: *ah* cê num é daqui?...

(Narrativa de Experiências Recontada, Creuza, 51anos, EJA-Ensino Fundamental, p. 245).

Nos fragmentos precedentes, verificou-se nas narrativas de experiência pessoal e nas de narrativa recontada que os indivíduos fizeram uso da partícula “*ah*” para se referir a uma fala anteriormente mencionada no processo comunicativo. Os relatos nos permitiram compreender também, a importância das narrativas nas pesquisas em sociolinguística, no sentido de observar nas falas, a sua forma mais espontânea. A esse

respeito, acreditou-se, que o uso das narrativas “têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está envolvido emocionalmente com o que relata (...)”. E é precisamente esta situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador sociolinguista. (TARALLO, 1986, p. 22).

Em relação à ocorrência numérica desse marcador como dêitico anafórico, foi possível verificar no *corpus*, como apresentado na Tabela 2:

**Tabela 2** - Marcador como Dêitico Anafórico

	Nº de informantes	Nº de casos	Nº de ocorrências	Percentual
PROEJA	21	24	3	12%
EJA	6	5	1	20%

Visualizamos na Tabela 2, o relativo percentual de usos do elemento. Em relação ao número de ocorrências, foi possível perceber o uso da partícula “*ah*” como elemento enfático de uma informação anteriormente mencionada. Nos fragmentos dos discursos orais, compreendemos que os informantes da EJA, em relação aos do Proeja, utilizaram em maior número a partícula dêitica anafórica, com o intuito de reforçar um assunto já mencionado.

### 5.3. O elemento “*ah*” e a função de preenchedor de pausa

*Gramaticalização* e *discursivização* configuram processos especiais de mudança linguística. *Gramaticalização* como um processo que levaria um item lexical ou construção sintática a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou estratégias comunicativas. Enquanto que, *discursivização* induziria o item já gramaticalizado a assumir uma função de marcador discursivo, reorganizando o discurso, quando a sua linearidade fosse perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade na fala (MARTELOTTA, 2004).

Ambos os processos contribuiriam para que o elemento “*ah*” desempenhasse a função de Preenchedor de Pausa, sobretudo o de *discursivização*, marcando um momento de interrupção no processo de raciocínio do indivíduo, a fim de evitar uma parada no fluxo da fala dos discendentes. Válido lembrar que: “Esse uso tem como característica marcar uma interrupção na linha de raciocínio para evitar uma consequente pausa no fluxo da fala, tendo, portanto, uma função organizadora do discurso”. (MARTELOTTA; NASCIMENTO; COSTA, 1996, p. 153)

Os falantes, ao pronunciá-los, incorporavam a função de organizador do discurso, apropriando-se do artifício da pausa, para organizar mentalmente seus pensamentos, como exemplificou o diálogo seguir:

#### **Exemplo 7**

E: explica pra mim uma experiência que você fez no seu curso?

I: bom... uma experiência que eu fiz no meu curso... *ah...* foram tantas... e: pode escolher uma aí... dessas tantas... (Relato de procedimento, Jean, 36 anos, Proeja-Ensino Médio Incompleto, p. 199).

No exemplo anterior, o elemento “*ah*” figurou um sentido temporal, indicando uma ideia de marca no tempo, desempenhando um papel de pausa da fala. Talvez demonstrasse um intervalo na comunicação oral e uma espécie de continuidade no fluxo nos processos mentais. Esse uso teve como particularidade preencher o vazio causado pela linearidade do discurso como pudemos observar na Narrativa de Experiência Pessoal a seguir:

#### **Exemplo 8**

E: durante o tempo que você estudou... algo que tenha te marcado... que aconteceu...

I: *ah...* são os professores daqui... nunca tive professores... tipo/tem muitos professores aqui que te apoiam muito... mas... tem muitos que te botam pra baixo entendeu?... (Narrativa de experiência pessoal, Ruan, 21 anos, Proeja-Ensino Médio Incompleto, p.203).

De modo geral, os marcadores discursivos foram empregados, primariamente, para reorganizar linearmente as informações no ato do discurso, quando em seu curso, houve a necessidade de organizar as relações textuais. Talvez pudéssemos afirmar que seu uso foi motivado pelo intuito de evitar que algo impedisse o desenvolvimento da comunicação. Seguem outros exemplos:

#### **Exemplo 9**

E: Monique... conte pra mim... alguma coisa que você escreveu... e te marcou muito... pode ser algo positivo... ou negativo... um fato engraçado ou constrangedor... que te marcou muito...

I: *ah...* é tanta coisa que eu escrevo... (Narrativa de experiências pessoal, Monique, 20 anos, Proeja-Ensino Médio, p. 217).

#### **Exemplo 10**

E: Creusa:..... cê pode me contar alguma coisa que tenha marcado a sua vida::?

I: *ah...* o que marcou a minha vida:: foi assim::... um caso que eu tive::... entendeu?... muito bom na minha vida... (Narrativa de experiências pessoal, Creuza, 51 anos, EJA-Ensino Fundamental, p. 217).

Improvável não observar que o elemento “*ah*” fora empregado, como um recurso para completar uma pausa o que, por certo, ofereceria condições para que o informante vasculhasse em seu repertório mnemônico o termo mais adequado e, por conseguinte, reformular o seu discurso. Nesses casos, a partícula desempenhou a função de preenchedor de pausa.

Foi possível destacar que o “*ah*” pouco apresentou valor sintático e semântico, uma vez que, retirado do discurso, não afetaria, contudo, o processo de comunicação e, por conseguinte, do entendimento do contexto em que acontecera o diálogo.

Quanto à ocorrência quantitativa desse marcador, verificou-se o que apresentamos na Tabela 3:

**Tabela 3 -Marcador como preenchedor de pausa**

	<b>Nº de informantes</b>	<b>Nº de casos</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>Percentual</b>
<b>PROEJA</b>	<b>21</b>	<b>24</b>	<b>5</b>	<b>16%</b>
<b>EJA</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>20%</b>

Pudemos destacar nos quadros acima, um relevante percentual de alunos da EJA e do PROEJA que se apropriou do “*ah*” como preenchedor de pausa, mesmo o número de ocorrências sendo mais elevado no PROEJA. Em ambos os casos, porém, a ocorrência não exerceu função gramatical, mas desempenhou uma função de reorganizadora da fala. Apostamos na interpretação de que a preocupação do falante foi de auto sustentar sua fala, solicitando a atenção do entrevistador com o uso do elemento “*ah*”. Notório ressaltar, que esse tipo de uso nos pareceu recorrentes na oralidade, apontando para pistas que nos permitiram demonstrar as estratégias utilizadas pelos informantes para alcançar um dos objetivos sociais da língua: uma eficiente comunicação.

Concluimos, portanto, que para viabilizar essa comunicação, artifícios foram utilizados, ora enquanto elementos dêiticos espaciais, que puderam ser classificados em anafóricos ou catafóricos, para fazer referências a partes do discurso, ora assumiram também, a função de anunciar que algo ainda iria ser dito, ou seja, preenchendo vazios causados por perdas da linearidade da fala. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o elemento *ah*, no português da língua falada entre os falantes da EJA residentes na Região Norte Noroeste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro.

## 6. *Breves considerações...*

Neste trabalho, considerou-se a realidade, a dinâmica e o uso social da língua. Tentamos, também, explorar e analisar a língua, com foco na fala e sobremaneira em seu uso na vida diária e cotidiana.

A partir dos depoimentos dos informantes dos discentes da EJA moradores da Região Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, em situações reais e espontâneas de interação, percebemos que tanto o “ah”, categorizado como dêitico anafórico, quanto na forma de dêitico catafórico, evidenciaram um processo de discursivização.

O mesmo processo, de levou a partícula “ah” a assumir função de preenchedor de pausa, tratando-se, em notas conclusivas, de um artifício mais abstrato, em que o elemento assumiu a função de orientador da organização discursiva.

Um último dado percebido nas análises dos resultados foi que se identificou nesse trabalho que o uso do elemento “ah” possuía uma origem espacial/temporal, que se explicou por um processo de discursivização espaço > (tempo) > texto. A partir desse processo, o elemento pareceu desempenhar as seguintes funções pragmático-discursivas na fala: a) dêiticos catafóricos (D. C.); b) dêiticos anafóricos (D. A.); e c) preenchedores de pausa (P. A.). Os dados também mostraram que houve uma maior predominância nas ocorrências do elemento como dêitico catafórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. M. V.; MARINHO, J. H. C. Dos marcadores discursivos e conectores: conceituação e teorias subjacentes. *Gláuks*, vol. 12, n. 1, p. 169-203, 2012.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

CASTELANO, K. L.; LUQUETTI, E. C. F.; SOUZA, C. H. M. de. Funcionalismo e ensino: uso do operador argumentativo “assim” na fala da região noroeste fluminense. *Revista Interscience Place*, ed. 20, n. 6. jan./mar. 2014. Disponível em: <<http://www.interscienceplace.org.pdf>>. Acesso em: 26-08-2014.

ESCANDELL, V. M. V. *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel, 2006.

FIORIN, J. L. *Introdução à linguística II: princípios de análise* (Org.). 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARINHO, J. H. C. A atuação do *onde* na articulação discursiva. In: SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. (Orgs.). *Estudos da língua em uso: relações inter e intrassentenciais*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos da Língua em Uso, Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem, Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

MARTELOTTA, M. E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: MARTELOTTA, M. E. et al. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização: In: MARTELOTTA, M. E.; NASCIMENTO, E.; COSTA, S. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, M. E.; NASCIMENTO, E.; COSTA, S. M. Gramaticalização e discursivização do assim. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 146-155.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LUQUETTI, E. C. F. (Org.). *A língua falada e escrita na Região Norte-Noroeste Fluminense*. Núcleo de Estudos Linguagem e Educação. [No prelo].

PORTOLÉS, J. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel, 1998.

VEZ, J. M. *Fundamentos lingüísticos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Barcelona: Ariel, 2000.